

## **MASCULINIDADES PETROLEIRAS:**

### **Trabalho e Gênero na Argentina**

## **PETROLEUM MASCULINITIES:**

### ***Work and Gender in Argentina***

---

Guillermo Stefano Rosa Gómez\*  
Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha\*\*

PALERMO, Hernán. **La producción de la masculinidad en el trabajo petrolero**. Buenos Aires: Biblos, 2017. Disponível em: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/2017/06/libro-la-produccion-de-la-masculinidad-en-el-trabajo-petrolero-hernan-palermo/> Acesso em: 15 set. 2021

#### **Resumo**

Apresentamos a obra de Hernán Palermo, *La producción de la masculinidad en el trabajo petrolero*, fruto de longa etnografia realizada entre os trabalhadores petroleros na Argentina e tema de sua tese de doutoramento. Partindo de uma mirada gramsciana em interface com a história social feminista, o autor mobiliza as categorias de hegemonia empresarial e disciplina fabril a fim de compreender os processos de fabricação e mutação das masculinidades, inseridos no contexto de privatização e desmantelamento da empresa petrolera estatal YPF. O estudo acompanha a masculinidade como um fenômeno social, que se reforça tanto nos espaços de trabalho como no ambiente familiar. A análise aponta para a maneira como a fabricação de masculinidades no universo petrolero se desdobra de formas múltiplas, que podem incluir, por exemplo, as masculinidades heroicas e as masculinidades infantilizadas. As reflexões de Palermo constituem uma importante contribuição para os estudos antropológicos do trabalho por trazerem à discussão a interconexão entre a disciplina empresarial/laboral e as relações de gênero, assim como os modos como tais relações são transformadas em um contexto de reestruturação produtiva.

**Palavras-chave:** Antropologia do Trabalho. Gênero. Masculinidades. Disciplina Fabril.

#### **Abstract**

The book of Hernan Palermo comes from long-time ethnographic research that fundament his PhD dissertation about oil workers in Argentina. From a Gramscian point of view together with the feminist social history the author mobilizes the concepts of company hegemony and factory discipline in order to comprehend the processes of building and mutation of masculinities during the privatization and dismantling of the YPF company. The research presents the masculinity as a social phenomenon which reinforce itself in both work and domestic environment. The study points out to the ways that the constructions of masculinities between oil workers can be multiple and complex, including the heroic masculinities to the infantile ones. The reflections of Palermo present significant contribution to the anthropological work studies, bringing into attention the relation between company discipline and gender relations during contexts of productive restructuring.

**Keywords:** Anthropology of Work. Gender. Masculinities. Factory discipline.

---

\* Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). E-mail: guillermorosagomez@gmail.com

\*\* Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Ciências Sociais (UFPA). E-mail: manoelrochacs@gmail.com

O livro de Hernán Palermo<sup>1</sup>, “*La producción de la masculinidad en el trabajo petrolero*”, lançado em 2017 pela editora argentina Biblos, é resultado do diálogo profícuo entre os estudos das masculinidades e a Antropologia do Trabalho. Baseado em longa etnografia entre os trabalhadores petroleiros na Argentina, tema de sua tese de doutoramento (2012), Palermo dá vazão analítica para os processos pelos quais se constitui a “cultura de gênero” nos universos de trabalho. O autor assume o universo laboral e os espaços de trabalho como um foco privilegiado para discutir a formação da masculinidade, desde uma mirada gramsciana e com o suporte da história social feminista<sup>2</sup>. Em complemento, atenta para as formas como o universo “extralaboral”, tal como o ambiente familiar e doméstico, se apresentam intimamente relacionados à esfera do trabalho, no que tange aos processos de construção de masculinidades no trabalho petrolero. O estudo se insere no debate teórico que toma como premissa as masculinidades em seu caráter plural e enfoca as formas como elas são socializadas e estabelecidas.

A análise da intersecção entre processos de socialização e fabricação das masculinidades com as experiências do mundo do trabalho está apoiada no conceito de “hegemonia empresaria”, que designa o “caráter envolvente do ejercicio del poder” (PALERMO, 2017, p. 24) para muito além dos espaços laborais e profissionais. Já a categoria de “disciplina fabril”, outro eixo de análise, é utilizada para pensar as políticas institucionais de arregimentação e controle da mão da obra.

A investigação do autor demonstra que existe um “amalgama entre la masculinidad y la disciplina fabril” (PALERMO, 2017, p. 136), isto é, parte das imposições e controles empresariais reside em impor um determinado comportamento de gênero. Partindo dessa argumentação, Palermo retoma a fundação, em 1922, da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF), empresa estatal argentina dedicada à exploração do petróleo. A YPF centralizava ao redor dela os projetos de vida dos funcionários: o acesso ao serviço de saúde, a educação dos filhos, as alternativas de lazer, a política de moradia, que se apresentavam em intensa relação com a empresa. Em 1989, a YPF entrou em um processo de privatização que durou dez anos, culminando na perda do emprego, na terceirização do trabalho e na transformação drástica das formas de disciplina. Uma das propostas do estudo apresentado nesse livro é abordar as mutações nos modelos de masculinidades sob as circunstâncias do processo de desmantelamento de uma disciplina empresarial estatal.

Com esse enfoque, se apresenta ao leitor(a) uma etnografia dos espaços de trabalho e dos lares dos petroleiros, especialmente na cidade de Comodoro Rivadavia, cidade média do sul da Argentina. O livro se divide em cinco capítulos dos quais faremos uma exposição objetivando tornar a resenha didática, facilitando o acesso às temáticas debatidas pelos pesquisadores e pesquisadoras interessado(a)s.

---

1 Hernán Palermo é doutor em Antropologia Social pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e pesquisador do *Centro de Estudios e Investigaciones Laborales* (CEIL-CONICET).

2 Um bom exemplo é o livro da historiadora Silvia Federici (2017), “*Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*”, recentemente lançado no Brasil pela editora Elefante, no qual a autora argumenta que a repressão ao corpo feminino e a divisão sexual do trabalho foram fundamentais para a consolidação do capitalismo.

No primeiro capítulo *Trabajo y masculinidad heroica*, Palermo aborda a manufatura histórica – empresarial e estatal – da narrativa do heroísmo dos trabalhadores petroleiros a partir da análise das representações coletivas em torno da YPF. Estas são reforçadas pelo imaginário que consolida como indissociável o trabalho petroleiro, a masculinidade e os projetos de desenvolvimento nacional. O autor evidencia como a construção da masculinidade hegemônica se relacionou com o “nacionalismo petroleiro” e com a “argentinização da força de trabalho”. Nesse sentido, a gestão empresarial buscava constituir os trabalhadores do petróleo como “soldados” e “heróis” dedicados ao labor em prol da nação. Esse ideal de masculinidade do trabalhador nacional é constitutivo da própria paisagem das cidades petroleiras e evidente em seus monumentos: seja do general Mosconi, primeiro presidente da estatal, seja dos trabalhadores comuns, com o torço nu, exibindo o uso da força física enquanto atributo reverenciado. Trabalhar para a YPF significava servir à Argentina, e a imagem do petroleiro foi transformada no modelo de trabalhador nacional.

Com a convergência das narrativas de desenvolvimento industrial, da masculinidade e da constituição da nação, a morte de petroleiros “em serviço” passou a ser interpretada e valorada positivamente, alicerçando imagens do sacrifício patriótico. Nesse caso, foram erigidos outros tipos de monumentos para homenagear os caídos. Tal como no caso de soldados mortos em guerras, esse tipo de construção teve o intuito de valorizar um esforço transcendental daqueles que propulsionaram e deram base aos ideais da “nação argentina”.

A narrativa do homem petroleiro e trabalhador nacional precisou de um contraponto binário para se estabelecer. Se, de um lado, havia imagens dos homens fortes, destemidos, quase personagens militares, de outro, estavam as mulheres doces, suaves e com habilidades de cuidado. As “rainhas do petróleo” – título atribuído em cerimônias de coroação e festas populares, organizadas pela empresa em meados da década de 1950 – não tinham poder algum. Palermo demonstra como as diferenciações dos comportamentos de gênero são historicamente localizadas e diretamente relacionadas com as políticas empresariais. A YPF elegeu, e se esforçou por manter, um modelo hegemônico de família.

O capítulo seguinte *Estructuras de significación de la masculinidad*, propõe pensar essas formas de construção das significações de gênero, forjadas no mundo do trabalho como demandas da disciplina fabril. As administrações empresariais, na perspectiva de Palermo, tiveram papel preponderante na coordenação e direção das formas sociais de viver, pensar, sentir e praticar as relações de gênero. Parte desse processo se materializa em ações que configuraram o universo laboral petroleiro enquanto um espaço que “no es para señoritas” (PALERMO, 2017, p. 57), ou seja, exclusivamente masculino e que delimitava claramente a fronteira entre masculino e feminino, público e privado, positivo e negativo. Esse tipo de construção/valoração binária se manifesta como consequência, por exemplo, da extensa jornada de trabalho, que circunscreve o petroleiro a longos períodos afastado do convívio familiar, fator que contribui para demarcar simbólica e temporalmente os contornos do universo masculino do petróleo e seu alijamento dos “espaços feminizados” da casa e do cuidado.

Se a disciplina empresarial da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* foi preponderante na constituição das masculinidades identitárias dos trabalhadores, o que acontece quando essa organização é descontinuada? Qual o impacto da privatização dessa empresa para a organização dos papéis sociais de gênero, estabelecidos em amálgama com a organização do trabalho? Seguindo essas pistas, Hernán retoma as narrativas de trabalhadores que associam o processo de privatização da YPF com a perda de masculinidade. Os impactos da privatização foram interpretados pelos trabalhadores enquanto um processo de “castração” – “nos cortaban las bolas” (PALERMO, 2017, p. 60) – e a perda de capital econômico e social decorrente do desemprego foi comparada ao ato de ser “penetrado” e, portanto, desautorizado em sua masculinidade. A perda do trabalho “esterilizou” os trabalhadores petroleiros.

O processo de privatização modificou o próprio significado do trabalho: quando se estava engajado em um projeto da nação, a YPF era o fim último. Quando privatizado, o trabalho petroleiro passa a ser apenas um meio, uma forma de aquisição de boa remuneração. Os trabalhadores não se veem mais como membros da “família ypefeana” ou “ypefeanos” mas, simplesmente, “petroleros”. O que antes era um orgulho geracional de se ter pai e avô tendo a mesma profissão foi substituído pela atitude de não querer o mesmo destino para os filhos, que devem projetar “algo mejor para su vida” (PALERMO, 2017, p. 64). As transformações produtivas e disciplinares, a privatização e a instabilidade laboral mediante a ameaça do desemprego, fragmentaram um modelo de organização comunitária, de família e, principalmente, de masculinidade.

O capítulo três *Poder, alienación y masculinidad: la consolidación de la hegemonia empresarial y sus fisuras* aborda como a disciplina fabril formata e idealiza um tipo de sujeito ideal, o “sujeito fabril-petrolero-masculino” (PALERMO, 2017, p. 78), e de que maneira essa idealização se efetiva no cotidiano de trabalho. De acordo com Palermo, a masculinidade é construída tanto pelas práticas dos trabalhadores como pelos processos empresariais e, ainda que seja protagonizada pelos petroleiros mediante seu reconhecimento identitário, ela beneficia o processo de exploração. Um dos exemplos potentes dessa argumentação é o da invisibilidade dos acidentes de trabalho: para os petroleiros, “ser homem” perpassa a capacidade de “aguentar” os golpes e acidentes, considerados “cositas” (PALERMO, 2017, p. 89). Nesse contexto, as cicatrizes são marcas de uma masculinidade quantificável.

A negação da condição de vulnerabilidade no espaço de trabalho e a suavização da gravidade dos acidentes são comportamentos associados à constituição de um modelo de masculinidade do qual a empresa se beneficia. Aguentar o que vem pela frente, resolver sem perguntar, suportar as adversidades e riscos determinados pelo poço de extração – um espaço de trabalho masculinizado e com agência sobre os petroleiros – são algumas das características que formam um “verdadeiro homem”. A masculinidade no universo petroleiro conduz a um perverso paradoxo: ao mesmo tempo em que quem a exerce se sente dominante a partir de uma posição hierarquizada de gênero – e efetivamente o é, em relação às mulheres – exercê-la contribui para sua vulnerabilidade frente aos interesses empresariais.

Como em todo regime disciplinar, existem muitas formas de subverter os parâmetros hegemônicos. A etnografia de Palermo atenta para as complexidades implicadas na configuração de masculinidades “fora da norma empresaria”. O autor aponta as táticas mobilizadas pelos petroleiros que são capazes de produzir fissuras no disciplinamento. Dentre elas, estão as “artes na demora” que frustram interesses empresariais de suprimir e/ou controlar os tempos não produtivos. Porém, mesmo as masculinidades contra-hegemônicas não conseguem se descolar da estrutura hierarquizada de gênero, na qual o masculino se afirma superior ao feminino.

Visando a acompanhar essas complexidades na relação entre norma fabril e constituição de comportamentos de gênero, o quarto capítulo, *Masculinidades infantilizadas* testa os alcances da hegemonia empresarial – que, segundo a perspectiva de Gramsci, nasce na fábrica e dali se estende – e examina os desdobramentos da administração empresarial na vida cotidiana dos petroleiros e de suas famílias. Palermo mira o lar sem esquecer da disciplina, considerando a dinâmica familiar um dos aspectos fundamentais na constituição de classe e o salário uma das repercussões dos processos de trabalho no mundo “de fora”.

A relação entre os petroleiros e seu núcleo familiar se define pelo conceito de “patriarcado do salário”, no qual a divisão sexual do trabalho coloca os homens no papel de provedores, enquanto reserva às mulheres o trabalho não pago e não reconhecido, que tem o propósito de recuperar e reproduzir a força de trabalho. Na cidade de Comodoro Rivadavia, principal universo de pesquisa de Palermo, isso implica a constituição de uma série de representações que circulam no espaço público sobre as mulheres e homens da comunidade petroleira. Na conversa informal dos bairros populares, os petroleiros são “machos con plata” – decorrente de histórica posição econômica privilegiada em comparação com boa parte da classe trabalhadora argentina – enquanto suas esposas são “encantadoras dos homens petroleiros”, que utilizam de ardis para controlar seus companheiros e usufruir de seus salários. Os estigmas, quando direcionados às mulheres, somam violência de classe e gênero.

Como afirma Hernán, a “condicion de hombre, si bien fue una entrada privilegiada al trabajo, cerró otras puertas” (PALERMO, 2017, p. 28). Assim, no espaço doméstico, o poder masculino é renegociado, sendo a mulher quem assume a gestão financeira da família. Daí é gestado o conceito de *masculinidad infantilizada*. Hernán estabelece essa categoria para fazer referência a um conjunto de narrativas dos trabalhadores petroleiros que abordam a maneira como esses percebem seu “retorno” ao espaço da casa. Os relatos focam desde a administração feminina do salário até as reclamações de que as mulheres são “quejosas”<sup>3</sup> (PALERMO, 2017, p.109) quando manifestam o esforço em garantir as responsabilidades masculinas para com a família, que envolvem o compromisso com uma vida ordenada e alijada das saídas noturnas, do álcool e da infidelidade. Na interpretação do autor, a mulher age como uma extensão da disciplina fabril, fazendo com que seus maridos/trabalhadores descansem e recuperem as

---

3 Queixosas.

energias para a jornada de trabalho seguinte. Ainda no regime das masculinidades infantilizadas, os trabalhadores relatam “perda” da família, característica histórica do trabalho por turnos que alija o trabalhador do espaço da casa. Essa separação também é agravada pela debilidade corporal, o cansaço e a surdez, que se tornam mais explícitos nas dinâmicas do lar.

O afastamento masculino do espaço da casa desencadeia outra violência de gênero, que recai sobre as mulheres: as acusações de infidelidade feminina. Surge a figura do trabalhador “cornudo” que opera como uma desvalorização da masculinidade, ativando um regime de emoções específico: “el temor de perder el bien máspreciado de la masculinidad: el dominio del cuerpo femenino” (PALERMO, 2017, p. 113).

A gestão feminina e a ausência ou menor autonomia no uso do próprio salário, o corpo debilitado e que carece de cuidados quando volta ao lar – que também pode ser tratado com menosprezo pela inaptidão quando requisitado “fora do trabalho” – e a perda do domínio sobre o corpo feminino: todas essas características fazem com que os trabalhadores se sintam “tratados como crianças” quando regressam do trabalho.

O conceito de “masculinidades infantilizadas” funciona para dar vazão à maior complexidade dos papéis de gênero, sem necessariamente recorrer às contraposições binárias, assim como permite ao autor reforçar a demonstração de que a disciplina fabril se estende para esses papéis e comportamentos. Quanto ao uso desse conceito, cabem duas ressalvas críticas. A primeira é o cuidado para não naturalizar o discurso dos trabalhadores, assumindo as falas de que são “infantilizados”, despossuídos ou sem poder. Palermo segue esse desafio, refletindo, por exemplo, sobre a folga como momento que coincide com a violência contra a mulher. O segundo ponto é o de refletir sobre a condição de gênero do pesquisador em campo, tema que é apresentado no quinto capítulo, mas que contribuiria à problematização das falas dos interlocutores se abordado anteriormente no capítulo 4.

Deve-se reforçar que as falas de “masculinidades infantilizadas” aparecem em encontros etnográficos de um pesquisador homem dialogando com outros homens ou com as esposas desses. Se pensarmos a relação de diálogo e produção compartilhada dos dados etnográficos como mediada por sujeitos com gênero – e levarmos em conta a maneira com que o gênero do pesquisador ou pesquisadora influencia no que os interlocutores e interlocutoras relatam –, veremos a infantilização dos homens petroleiros como profundamente relativa a um contexto de fala e como modo narrativo mais predominante nos homens do que nas mulheres.<sup>4</sup>

Posto isso, adentramos o último capítulo, *Feminización y violencia en el trabajo*. Nele, Palermo direciona o olhar analítico para os espaços de trabalho, demonstrando que a masculinidade, por ser um valor estimado, exige a manufatura de diversas ações de rejeição à feminilidade. O autor busca interpretar os comportamentos jocosos e/ou violentos entre os homens trabalhadores, que têm como objetivo confirmar sua virilidade. A condição

---

4 O próprio autor já revisa esses pontos no seu aprofundamento dos estudos de masculinidades em outro contexto profissional, o dos programadores de software (PALERMO, 2018).

compartilhada de masculinidade do pesquisador e dos interlocutores permitiu acessar as narrativas que mencionam brincadeiras cotidianas e com conotação sexual que povoam o universo petroleiro.

O processo de ascensão profissional impõe a necessidade de “ser homem” e se comportar de acordo. A masculinidade tem um imperativo de ser constantemente revalidada e afirmada perante os pares por meio de demonstrações de força, rituais de iniciação, atos batismais e os diversos tipos de “bromas”<sup>5</sup>. Por isso, para adentrar no trabalho petroleiro, os iniciantes passam por um verdadeiro processo pedagógico, ministrado pelos trabalhadores antigos, visando a reprimir qualquer indício de feminilidade nos iniciados.

A juventude se apresenta enquanto antítese da masculinidade (pois é vista como uma masculinidade inacabada/atenuada) e os trabalhadores chamam a si mesmos de “viejos”<sup>6</sup>, termo que é menos um marcador geracional e mais um indício de poder masculino e de demarcação de uma experiência laboral: o corpo do trabalhador petroleiro é um corpo envelhecido, debilitado pelo trabalho no “poço”<sup>7</sup> e, por isso, masculinizado. Após a privatização, foi comum a entrada de profissionais jovens para cargos de chefia, o que instaurou uma contradição no *ethos* petroleiro: as brincadeiras, que tinham como alvo recorrente os “pendejos, menuditos, flaquitos, canários” (PALERMO, 2017, p. 131) – termos êmicos usados para designar os novos em serviço – evitavam as chefias.

As narrativas petroleiras convergem para situar o cenário de trabalho no qual aguentar intempéries de frio e calor extremos é elemento que “transforma em homens” os iniciados. Porém, como já mencionado, sempre existe um risco, ojerizado, de feminização. Faz-se necessário remover do próprio espaço laboral os significantes femininos, dotando-o de um estatuto masculino, “o poço” – com controle e poder de mando sobre os trabalhadores – e o mundo externo se transformam em sinônimos para o feminino.

Por fim, concluímos que o livro de Hernán Palermo é uma contribuição relevante para os estudos antropológicos do trabalho e das masculinidades na América Latina. As reflexões apresentadas mostram como a manufatura das masculinidades no universo petroleiro ora favorece as demandas de produção e acumulação de capital, bem como a exploração e dominação exercidas pelas empresas, ora reconfigura as relações de gênero, a divisão do trabalho entre os sexos e os papéis femininos e masculinos em arranjos complexos.

Se a formação da classe trabalhadora não é algo dado, mas sim um processo pedagógico de formação, Palermo evidencia como essa construção perpassa modelos e papéis de gênero e família intrinsecamente relacionados às exigências empresariais. O conceito de “disciplina fabril” auxilia a pensar a influência das lógicas empresariais para além dos espaços laborais. O autor aborda temas fundamentais como a violência sexual entre trabalhadores ou a violência de gênero

---

5 Piadas.

6 Velhos.

7 Poço.

desses trabalhadores com suas esposas, que só uma etnografia atenta e eticamente comprometida conseguiria narrar e captar. Enfatizamos sua capacidade de investigar de que formas um processo de privatização e transformação macroeconômico se relaciona com as transformações das masculinidades laborais, assim como possibilita analisar um processo de reestruturação produtiva a partir da ótica das relações de gênero. Essa etnografia do trabalho petrolero segue os fios do complicado enredamento entre gênero e disciplina empresarial, fazendo do livro de Hernán Palermo uma importante leitura tanto nos estudos das masculinidades como das antropologias do trabalho, com o potencial de fomentar novos debates, críticas e investigações.

### Referências

- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- PALERMO, Hernán. **Cadenas de oro negro**: en el esplendor y ocaso de YPF. Buenos Aires: Antropofagia, 2012.
- PALERMO, Hernán. **La producción de la masculinidad en el trabajo petrolero**. Buenos Aires: Biblos, 2017.
- PALERMO, Hernán. Masculinidades en la industria del software en Argentina. **Revista Internacional de Organizaciones**, Tarragona, n. 20, p. 103-121, jun. 2018.

Recebido em: 07/06/2020

Aceito em: 11/08/2020